

## REFLEXÕES ACERCA DO CÂNONE LITERÁRIO DOS VESTIBULARES BRASILEIROS<sup>1</sup>

Juliana Cristina de Cápua Dourado<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho pretendemos discutir sobre o caráter canônico presente na escolha das obras literárias da grande maioria dos exames admissionais do ensino superior, como tal seleção não é neutra e envolve a manutenção de poderes de grupos hegemônicos e dominantes. Além disso, gostaríamos de refletir sobre como a mudança nas listas de leituras obrigatórias de dois importantes vestibulares nacionais (UFRGS e Unicamp) podem influenciar no ensino de literatura aos estudantes em fase pré-vestibular.

Palavras-chave: literatura, cânone, vestibular

**Abstract:** *In this work, it is intended to discuss the canonical character found in the mandatory literary works to be read in most of the entrance exams for higher education institutions in Brazil. This selection is not neutral and involves the maintenance of hegemonic and dominant power groups. Besides that, it will be reflected how the changes in the obligatory reading lists from two of the most important entrance exams (UFRGS and Unicamp) may influence in literature teaching to pre-entrance exams students.*

**Keywords:** *literature, canonical, entrance exams*

---

<sup>1</sup> Este trabalho consiste em uma atividade realizada para a disciplina FLC 0601 - Ensino de Literatura Brasileira, ministrada pelo Prof. Jaime Ginzburg, do DLCV-FFLCH-USP, no primeiro semestre letivo de 2014.

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português – Espanhol pela USP.

Nos meses de março e abril de 2014, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) apresentaram novidades em sua lista de obras exigidas para o vestibular. A primeira incluiu o disco *Tropicália ou Panis Et Circences* em sua lista de leituras obrigatórias. É a primeira vez que um disco aparece como objeto de estudo no vestibular da instituição e acredita-se que será aplicado na prova de literatura através da análise e/ou comparação das letras de suas faixas<sup>3</sup>. Igualmente inéditos são os títulos *O amor de Pedro por João*, de Tabajara Ruas, e *Dançar tango em Porto Alegre*, de Sergio Faraco, ambos escritores gaúchos. A escritora portuguesa contemporânea Lídia Jorge também é uma das novidades presente na lista.

Por sua vez, a Unicamp apresentou depois de oito anos sua lista exclusiva de obras exigidas para o vestibular de 2016. Até então, sua lista era unificada com a do vestibular da Universidade de São Paulo (USP). Agora, as novas leituras obrigatórias não são compostas apenas de romances e poemas – como era na lista unificada com a USP - mas também de uma obra teatral (*Lisbela e o prisioneiro*, de Osman Lins) e de alguns contos selecionados, incluindo *Negrinha*, de Monteiro Lobato. Outra novidade foi a inclusão de *Terra Sonâmbula*, do moçambicano Mia Couto, abrindo portas para outras literaturas de língua portuguesa, não limitando-se somente à brasileira e portuguesa.

Essas novas inclusões nas listas de leituras obrigatórias de dois importantes vestibulares nacionais não se limitam em ser apenas mudanças de nomes em uma listagem; elas podem sinalizar alterações significativas em estruturas engessadas atualmente, que são a autoridade do cânone literário e o ensino de literatura nas escolas voltado apenas para as exigências do vestibular, atreladas a este cânone.

De origem grega, *kanon*, uma espécie de vara de medir, a palavra foi adotada pelas línguas românicas com o sentido de “norma” ou “lei”, sendo utilizada para eleger os autores e textos de valor, cujos escritos traziam as

---

<sup>3</sup> Uma canção deste mesmo disco já fora assunto de uma das questões do vestibular da UFRGS em 2009. Nela, pedia-se para assinalar com “verdadeiro ou falso” as afirmações feitas em torno da letra de “Lindonéia” comparada com o quadro *A bela Lindonéia* ou *A Gioconda do Subúrbio*, de Rubens Gershman.

verdades que deveriam estar na Bíblia para serem propagadas aos seus seguidores (Reis, 1992, p. 70). Portanto, desde sua origem o cânone está atrelado a um sistema de seleção e exclusão realizado por um espaço institucional de poder, cuja autoridade que lhe é atribuída permite a manutenção daquilo que é de seu interesse, de acordo com sua cultura, classe, política etc.

Dessa forma, podemos afirmar que “o cânon está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação” (idem, p. 73). Se pensarmos nos escritores ditos canônicos que nos foram ensinados, veremos que a arreatadora maioria são do sexo masculino, brancos e pertencentes à cultura ocidental. Visto que a literatura é uma das principais vias de transmissão de cultura, ao atribuir maior valor a textos de grupos hegemônicos, ela reforça privilégios e aumenta as discrepâncias e dominações sociais

Com efeito, a literatura tem sido usada para recalcar os escritos (ou manifestações culturais não-escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos – mulheres, etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado Terceiro Mundo. Não resta dúvida de que existe um processo de escolha e exclusão operando na canonização de escritores e obras. (idem, p. 73).

A universidade tem sido um dos grandes aparelhos que perpetuam tal dominação e controle, pois é nesta instituição em que são ensinados, de maneira praticamente exclusiva, os grandes clássicos do cânone ocidental, o restrito mundo dos grandes nomes da literatura que merecem ser lidos e preservados, excluindo, como já vimos, outras formas de expressões culturais. Para exemplificar, podemos citar a lista de leituras obrigatórias para o vestibular da USP, a maior e melhor universidade do país, conseqüentemente, a mais concorrida também. Para os vestibulares de 2013, 2014 e 2015 repetir-se-á a mesma lista, na qual só constam autores homens e de grande prestígio

na Academia. São eles: Almeida Garret, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Eça de Queirós, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. A ovelha negra da lista fica por conta de Jorge Amado, cujo nome não é unanimidade dentre os “especialistas”, pelos quais, frequentemente, tem o seu valor literário questionado. Sua obra *Capitães da Areia* entrou para a privilegiada lista em 2009. É importante notarmos que, dos oito nomes presentes em 2013-2015, sete permanecem os mesmos desde o vestibular de 2009. Trocou-se apenas Gil Vicente por Garret e Vinicius de Moraes por Carlos Drummond de Andrade, o que mostra a pouca mobilidade e abertura deste vestibular e, assim, sua contribuição para a permanência da estratificação da estrutura social. A universidade mais referenciada de um país miscigenado, plural em sua composição social, repleto de expressões culturais de origem popular, não possui em sua seleta lista algum autor contemporâneo, que debata e reflita problemas da sociedade atual ou da segunda metade do século XX; não há autores negros, autores da periferia, ou mulheres e homossexuais, como também não há autores que fogem da literatura canônica ocidental, como indígenas, africanos, asiáticos ou árabes. Um dos maiores gêneros literários de origem popular do Brasil, o cordel, não chega nem próximo à seleção (seria justamente por causa da sua origem popular e de forte ligação com a cultura e o povo nordestino?). Como afirma Cyana Leahy-Dios,

textos estão ligados a circunstâncias e a políticas de todas as formas e sua escolha requer atenção e visão crítica (...) Para Lilian Robison, o cânone literário pode ser comparado a um “acordo de cavalheiros”, por sua tendenciosidade de classe e de gênero, disfarçada sob a gentileza da canonização, que aparentemente separa arte e política (Leahy-Dios, 2004, p. 33,161).

Retomo a aparição de Jorge Amado e me arrisco a expor uma opinião pessoal. Como já apontado, o autor e sua produção literária tem seu valor constantemente questionado pela Academia. Muitos classificam sua obra como menor e uma das justificativas para tal julgamento é devido a simbiose

presente em sua linguagem, que traz para o texto literário – visto como um espaço de refinamento linguístico – a oralidade do povo e tudo ao que ela se atrela, como inflexões sintáticas, repetições, léxico e expressões populares e regionais, palavrões e causos. A meu ver, parece que o autor entrou na lista para suavizar, de forma artificial, essa “tendenciosidade de classe e gênero”, para mostrar que não há motivos para associar a lista de leituras obrigatórias da USP com a ideologia dominante. Colocaram um autor totalmente ligado à cultura popular nordestina em geral, mas, principalmente a baiana, para comprovar uma democratização e heterogeneidade que não existe. Mais a nível de curiosidade, achei interessante a pequena análise feita sobre *Capitães da Areia*, logo que este fora incorporado às leituras obrigatórias, por um professor do Sistema Anglo de Ensino, um dos maiores sistemas especializados em treinar o aluno para o vestibular. A análise foi publicada no site do Guia do Estudante<sup>4</sup>, portal que reúne diversas informações acerca de vestibulares e universidades de todo o país. Sobre o enredo do romance afirma-se que “narra a história de um grupo de garotos de rua que se unem para assaltar pessoas e residências em Salvador” e que “ ‘Amado tem uma visão piedosa dessas crianças. Destaca que elas cometem os crimes porque são abandonadas. Não que ele apoie o roubo, mas é simpático aos garotos e tenta retratar as causas da situação’”. Adiante, cita o personagem Padre José Pedro, “que tenta levar os meninos para o caminho do bem e, apesar de não conseguir, trata-os com mais apreço que ninguém”. Como alertado, tomei a liberdade para exprimir uma opinião pessoal, mas pareceu-me um tanto quanto reducionista tal “análise” da obra, até de uma certa má vontade, como se um autor de valor duvidoso dentro do cânone não devesse ter a mesma meticulosidade ao ser tratado como aqueles que já possuem valor e posição inquestionáveis. Talvez valha a pena citara, ainda, que trata-se de um autor militante e que participou ativamente das atividades do Partido Comunista Brasileiro durante o Estado Novo, por exemplo...

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/fuvest-2010-capitães-areia-jorge-amado-aborda-problemas-urbanos-tem-paralelos-outros-livros-obrigatorios-513117.shtml>. Acesso em: maio 2014.

*Capitães* retrata um quadro social verídico da década de 1930 em Salvador, narrando, entre outros temas, a infância negada a diversas crianças daquela sociedade, produto de uma desigualdade social em um país em construção e que ainda sofria as consequências de anos sob a escravatura. Conforme a análise publicada no Guia do Estudante, o professor considera que, a instância da moralidade cristã, um dos “pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental” (Reis, 1992, p. 72), era o caminho para salvar esses meninos e leva-os ao caminho do bem, o que expõe, mais uma vez, uma ideologia dominante e autoritária.

Ainda conforme Reis, “o problema não reside no elenco de textos canônicos, mas na própria canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder” (idem, p. 73). Por isso, considero importante a abertura que a UFRGS e a Unicamp implantaram em suas listas de obras exigidas para o vestibular. Textos marginalizados pelo autoritarismo ideológico do cânone, como os de escritores africanos ou escritos por mulheres, abrem novos caminhos para a reflexão de novos posicionamentos vindos de uma voz habitualmente abafada. De acordo com Eduardo Coutinho, “discutir o cânone nada mais é do que pôr em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares como um discurso globalizante” (Coutinho, 1993, p. 70). Um exemplo claro é a quantidade de textos de autores canônicos portugueses que são inseridos nas escolas e nos exames admissionais das universidades. Temos, voluntariamente ou não, constante e irrestrita proximidade com a tradição literária europeia, mais especificamente com Portugal, mas inversamente proporcional é o contato com as produções literárias de outros países lusófonos. Nós, colonizados como eles, pouco dialogamos. Em *Terra Sonâmbula*, para pegar o exemplo de livro adotado pela Unicamp, Mia Couto traz influências da narrativa oral africana para contar a história de Tuahir e Mudinga, envolvida pela Guerra Civil Moçambicana, que teve início em 1977, logo após a Guerra de Independência de Moçambique, que resultou na negociação de sua independência em 1975. O leitor, além de entrar em contato com particularidades da cultura moçambicana e africana, pode se aproximar mais da realidade de um país que fala a mesma língua que a sua e que

igualmente sofreu com a colonização portuguesa, o que possibilita a troca de experiências e de discursos entre aqueles que foram oprimidos.

A pouca oferta em sala de aula de textos extra cãnone, de textos contemporâneos, ou que abordem eventos políticos brasileiros mais recentes, ou ainda, que tragam questões socioculturais mais condizentes com suas realidades, são as maiores reclamações de estudantes em fase pré-vestibular (Leahy-Dios, 2004, p.27, 167).

Atualmente, o Ensino Médio tem a clara preocupação de estar atrelado às exigências do vestibular, voltando o seu ensino para a preparação do exame admissional, em vez de voltá-lo para a preparação de cidadãos críticos, cuja formação proporcione “uma cultura geral de caráter essencialmente prático, aplicável a todas as exigências da vida” (Colégio Pedro II, Decreto 8660, art. 1º, *apud* Netto, 1985, p. 42). Conforme Adolpho Ribeiro Netto, tamanha preocupação com os temas abordados em vestibulares e a rigorosa preparação de alunos para serem aprovados nesse tipo de exame acentua-se no início da década de 1960, pois o vestibular “restringia-se apenas à verificação de conhecimentos de umas poucas disciplinas consideradas ‘básicas’ para determinado curso superior” (NETTO: 1985, p. 43). Assim sendo, o aluno que fosse prestar vestibular na área de Exatas teria em sua prova as matérias de Física, Matemática e Química. Por sua vez, o estudante de biológicas teria seus conhecimentos testados nas áreas de Biologia, Física e Química. Dessa forma, o estudo para as matérias não exigidas no exame da carreira pretendida era visto como supérfluo, desnecessário e desperdício de tempo

Ficavam, assim, os colégios pressionados, pelos alunos e seus familiares, no sentido de se aterem apenas às matérias que figuravam nos vestibulares e desconsiderarem as demais que, juntamente com aquelas, contribuiriam para que o curso secundário pudesse, de fato, cumprir com seus objetivos. Quando o colégio resistia a esse tipo de pressão, e cobrava de seus alunos conhecimentos que estes deveriam ter adquirido relativamente às

matérias não constantes do vestibular, os alunos, frequentemente, transferiam-se para outros colégios (idem, p. 43).

Muitos dos vestibulares atuais não adotam mais a técnica de prova específica destinada objetivamente às carreiras; opta-se por provas que abarquem os mais diversos conteúdos das matérias que preenchem a grade curricular escolar. Entretanto, a pressão para que a escola foque suas aulas apenas aos assuntos que costumam cair nos exames de aprovação continua com a mesma força, fazendo do Ensino Médio apenas uma ponte para o Ensino Superior. Aquele deve atender as demandas deste.

Dessa forma, devido a estes fatores e às poucas aulas semanais destinadas ao estudo da literatura, a escola – e os livros didáticos adotados por ela - abrangem em seus programas apenas as obras canônicas exigidas pelos vestibulares. Segundo Cyana Leahy-Dios

para ter sucesso acadêmico, a atenção e os interesses dos alunos precisam estar voltados para a aquisição de um saber acrítico e memorizável. (...) De algum modo, em algum lugar, há um comando em autoridade que exige que os vestibulares sejam como são e que o aprendizado de literatura seja testado através de períodos, datas, nomes e características, quanto mais memorizável melhor; quem não se adequa ao sistema está fora dele (Leahy-Dios, 2004, p.35-37).

Jaime Ginzburg reforça essa ideia ao dizer que

A configuração do ensino de literatura como reprodução do cânone configura um trabalho que nada tem a ver com o ensino da reflexão sobre o valor; pelo contrário, o componente reflexivo é abandonado, em favor de uma pura confirmação esquemática de sistemas de valor que, em muitos casos, não são conceitualmente discutidos com os estudantes. Estes, desse modo, passam a defender que um autor é bom sem saber por quê, ou sem formular opinião própria a respeito



dos critérios de valor. A reprodução passiva do cânone na formação de estudantes constitui uma limitação na expectativa de desenvolvimento de pensamento crítico (Ginzburg, 2004, p.99)

A partir dessas reflexões podemos apontar dois problemas. O primeiro é o esvaziamento dado à obra literária em sala de aula e, posteriormente, no vestibular. Os textos não são analisados através de suas qualidades estéticas e não são colocados em discussão de forma crítica. Não há tempo hábil para isso e também não é o que se cobra para ser admitido na faculdade. O aluno precisa ter um conhecimento prático sobre literatura, bastando, praticamente, saber o período em que determinada obra foi escrita, seu autor, a qual “escola literária” ela pertence e as características gerais desta escola e do livro. O ensinamento passado ao aluno é enciclopédico, superficial e acrítico, tendendo muito mais para a historiografia e biografia do que para o seu prazer estético e humanitário, através do qual se possa refletir sobre o indivíduo, sobre a sociedade e sobre si próprio.

Devido ao caráter esquemático e prático, não há troca sobre o assunto entre o professor e o aluno. Este não encontra espaço para expor seus questionamentos e opiniões, que podem ser desde a sua visão pessoal sobre um texto literário até uma reflexão sociocultural que tal texto despertou. Um aluno entrevistado por Leahy-Dios afirma que “o professor não aceita o que você diz (...) você copia tudo no caderno, é tudo copiado, você não pensa em nada, de verdade... Você só senta lá e... é só isso!” (Leahy-Dios, 2004, p.179).

O segundo problema está atrelado ao fato da imposição do cânone literário aos alunos, que reclamam da falta de oferta de obras que se aproximem mais de seus universos de interesses. Muitos assumem, inclusive, que antes da entrada no Ensino Médio obtinham prazer na leitura e que sua relação com tal atividade era positiva. O desinteresse passou a surgir e se acentuar gradativamente com o programa estritamente canônico oferecido no segundo grau (idem, p. 213). Os alunos entrevistados por Leahy-Dios revelam o interesse e a vontade de uma reformulação nas obras escolhidas pelos

vestibulares e por suas escolas, a fim de trazer à tona temas de interesse cultural e políticos mais próximos de suas realidades.

Entretanto, “revisar a tradição literária e o cânone reflete uma luta ideológica, mais que uma ordem estética natural, talvez porque os ‘cânones literários escondem suas próprias histórias de violência” (idem, p.161). Não é de interesse das instâncias dominantes, e inclua-se aqui as universidades, que instrua-se os alunos a uma reflexão política, social, cultural, econômica, psicológica e pessoal. Com a desculpa de “já selecionamos os melhores textos literários que você poderia ler”, a imposição do cânone garante e mantém os privilégios dos grupos hegemônicos, e assegura a exclusão daqueles que podem ameaçar de alguma maneira essa supremacia. Não é à toa que mais de um aluno entrevistado por Leahy-Dios revele a ausência em sala de aula de textos que debatam a ditadura militar brasileira. Michel de Certeau resume a questão ao dizer que

As dezenas de milhares de estudantes partilham hoje desse sentimento. Submetidos a grandes intelectuais que não lhes parecem organizadas nem em função de suas questões, nem em função do seu futuro, não percebem mais, no ensino que lhes é “dado”, seu valor de *instrumentalidade* cultural e social. Muitas vezes resta-lhe apenas um muro a transpor, um obstáculo a superar, uma condição imposta para chegar às profissões que se encontram do outro lado. (Certeau, 1995, p. 104)

Ao mudarem suas listas de leituras obrigatórias para o vestibular, a Unicamp e a UFRGS dão a oportunidade de rever toda essa estrutura instaurada pelo cânone. A Federal do Rio Grande do Sul propõe a seus vestibulandos a leitura de três autores conterrâneos (Tabajara Ruas, Sergio Faraco e Lya Luft) e, como se não bastasse, os três são contemporâneos. Dessa forma, atende-se a uma das grandes reivindicações dos alunos para melhorar as aulas de literatura e motivá-los com a matéria: o oferecimento de obras mais atuais e que se aproxime mais de seu universo de interesse. Ao propor o trabalho com obras escritas por mulheres (Lya Luft e Lídia Jorge), a

universidade rompe com um dos pilares hegemônicos dentro do cânone, que é a sua soberana composição de escritores do sexo masculino. As duas obras, tanto *As parceiras*, de Luft, quanto *A noite das mulheres cantoras*, de Jorge, tem como personagens principais mulheres, oferecendo ao leitor (e ao vestibulando) o contato com o universo feminino através de protagonistas escritas por quem compartilha do mesmo universo, e não mais mulheres descritas pelo gênero oposto. É importante destacar também que a obra portuguesa selecionada pela UFRGS, *A noite das mulheres cantoras*, foi publicada em 2011, ou seja, é extremamente contemporânea, indo contra a maré na escolha das obras lusitanas de outros vestibulares, que normalmente investem em autores que publicaram até o final do século XIX.

Tão importante quanto, foi a adoção da análise de um disco, proporcionando ao aluno o contato com outros tipos de arte, não só a literatura. A escolha de *Tropicália ou Panis Et Circences* provoca a discussão acerca da cultura musical brasileira e das manifestações artísticas lançadas sob o regime militar brasileiro. Conforme afirma em *Verdade Tropical*, Caetano Veloso, um dos idealizadores da Tropicália, este movimento “virou a tradição da música popular brasileira pelo avesso” através de seu marcante experimentalismo estético.

Experimentalismo este que falta para mexer, mudar, questionar, transformar o cânone literário, baseado e mantido pela ideologia dos grupos dominantes. Que o experimentalismo da Unicamp e da UFRGS sirva de impulso para o experimentalismo de outros vestibulares e, mais além, que sirva para a abertura de debates em sala de aula, no qual alunos e professores troquem experiências, opiniões, ideias, reflexões; a fim de formar e ampliar o público leitor, levando até ele as mais diversas formas de expressões culturais e a pluralidade presente em todas elas. O caminho é longo, mas os primeiros passos foram dados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Idelber. Cânone literário e valor estético: notas sobre um debate de nosso tempo. *Revista brasileira de literatura comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, 2009. n.15.

CERTEAU, Marcel de. As universidades diante da cultura de massa. In: *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. *Revista brasileira de literatura comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, 1996. n.3.

GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. *Revista de Letras*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. n. 1, vol. 44.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NATALI, Marcos Piason. Além da literatura. *Literatura e sociedade*, n.9, 2006, p.30-43.

NETTO, Adolpho Ribeiro. O vestibular ao longo do tempo: Implicações e implicâncias. In: *Seminário "Vestibular Hoje"*, 1985, Brasília. Brasília: MEC/SESU/CAPES, dez. 1985

PERRONE-MOISÉS, Leila. Literatura para todos. *Literatura e sociedade*, n.9, 2006, p.16-29.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís, org. *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.